

RESENHA DE A ÉPOCA MODERNA

Bruno Stori¹

ARAÚJO, André de Melo; DORÉ, Andréa; LIMA, Luís Filipe Silvério; MACHEL, Marília de Azambuja Ribeiro; RODRIGUES, Rui Luis (orgs.). *A Época Moderna*. Petrópolis: Editora Vozes, 2024.

RESUMO

resenha do livro *A Época Moderna*, coletânea publicada em novembro de 2024 pela Editora Vozes e organizada por André de Melo Araújo, Andréa Doré, Luís Filipe Silvério Lima, Marília de Azambuja Ribeiro Machel e Rui Luis Rodrigues.

Palavras-chave: História Global, História Moderna, Modernidade.

ABSTRACT

book review of *A Época Moderna*, published in November 2024 by Editora Vozes and edited by André de Melo Araújo, Andréa Doré, Luís Filipe Silvério Lima, Marília de Azambuja Ribeiro Machel e Rui Luis Rodrigues.

Keywords: Global History, Early Modern History, Modernity.

Publicado em novembro de 2024 pela Editora Vozes, *A Época Moderna* é uma coletânea organizada por André de Melo Araújo, Andréa Doré, Luís Filipe Silvério Lima, Marília de Azambuja Ribeiro Machel e Rui Luis Rodrigues, professores membros da Rede Brasileira de Estudos em História Moderna (h_moderna). A rede foi fundada em 2019 com o objetivo de promover a historiografia brasileira sobre a Primeira Modernidade, proposta que se estende ao lançamento deste livro, cujo propósito é a de apresentar um panorama atualizado dos estudos sobre a área no Brasil. Como os organizadores explicam na introdução, *A Época Moderna* é fruto de um processo de expansão e consolidação da produção historiográfica brasileira dedicada ao período que vai dos séculos XV ao XVIII, processo este que

¹ Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná. Doutorando em História na Pennsylvania State University. Contato: brunostori14@gmail.com.

se iniciou a partir dos anos 1990, quando os debates sobre a formação do Brasil contemporâneo deixaram de ditar os caminhos da História Moderna no país (pp. 19-20).

De fato, o livro, no intento de mapear o que historiadores brasileiros têm discutido sobre a Primeira Modernidade, indica que nas últimas décadas o desenvolvimento desse campo se refletiu num deslocamento para outras preocupações, interpretações e abordagens, alinhadas sobretudo à História Global. Considerando que concepções eurocêntricas e triunfalistas de Modernidade passaram a ser questionadas com vigor após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o surgimento de correntes pós-modernas e com a popularização de perspectivas pós-coloniais e decoloniais, os organizadores e autores de *A Época Moderna* investem em uma Primeira Modernidade multifacetada, policêntrica e conectada, “de forma a incluir a necessidade de se pensar esse período da história em termos de ‘múltiplas modernidades’, não mais limitadas à experiência e à autocompreensão das sociedades europeias” (p. 22). Ao longo do livro, narrativas de expansão unilateral da Europa cedem espaço às redes e conexões econômicas, sociais, políticas e culturais entre diferentes espaços e sociedades, sem minimizar a violência de experiências históricas vinculadas à colonização e ao desenvolvimento do capitalismo.

Essa iniciativa tem aproximações com tendências do campo de História Moderna fora do Brasil, onde historiadores, ao questionarem consensos sobre a ideia de Modernidade, buscam outros usos teóricos do conceito para além de narrativas de ascensão e queda de impérios, indo em direção aos aspectos de conectividade entre contextos diversos. Como argumenta Alan Strathern, a popularização dessas interpretações globais possibilitou não apenas o apontamento de nuances e contradições aos processos históricos que tradicionalmente caracterizam o mundo moderno (a expansão europeia, a globalização e a colonização, por exemplo), como também permitiu que a Modernidade pudesse ser definida como um fenômeno que emerge justamente a partir das redes e conexões transregionais do período, e não a partir da identificação de elementos predeterminados em uma *checklist* (Strathern, 2018, pp. 325-327).

A imagem da capa do livro expressa essa proposta ao incluir um cartucho para um mapa, produzido por Crispijn van de Passe, o Velho (1564–1637), desenho que figura seis pessoas caracterizadas de modo a representar a Europa, África, Ásia e América – e que aqui também representam a diversidade de sujeitos históricos atuantes entre os séculos XV e XVIII numa Primeira Modernidade global. Após a introdução, *A Época Moderna* é dividido em quatro partes que juntas totalizam 21 capítulos. Cada capítulo foi escrito por dois historiadores (com exceção do capítulo 16, “Mulheres, gênero e cultura letrada”, escrito por três autoras), que, ao final de seus textos, incluíram breves bibliografias comentadas com sugestões de referências sobre as temáticas abordadas. A primeira parte trata de questões estruturais da Época Moderna, como o mundo rural europeu, o papel da religião, Estado e relações de poder e o surgimento do capitalismo. A dimensão global do período aparece de forma mais acentuada na segunda parte, dedicada à expansão das redes de circulação de pessoas e de conhecimento geográfico e principalmente às já mencionadas modernidades alternativas, abordadas em capítulos que discorrem sobre a África atlântica, o mundo islâmico, o oceano Índico, o Leste Asiático e as sociedades indígenas da América. A terceira parte volta-se à cultura e às mentalidades, focando em temas como o Renascimento, Humanismo, Iluminismo, reformas religiosas, a ciência moderna, a cultura impressa e o papel das mulheres na cultura letrada. Por fim, na última parte os autores debatem conflitos, revoltas e revoluções ocorridas na Europa e seus impactos no mundo, com capítulos sobre a Guerra dos Trinta Anos, as revoltas da Fronda, a Revolução Britânica do século XVII e as Revoluções Americana e Francesa.

Ao longo dos capítulos, os leitores têm acesso a discussões atualizadas com relação a temas clássicos da História Moderna, como o Renascimento, as reformas religiosas e o Iluminismo. O capítulo “A nova ciência”, de Andréa Doré e Thomás Haddad, por exemplo, questiona a ideia de que o desenvolvimento das práticas europeias de conhecimento teria caracterizado uma “Revolução Científica” protagonizada por Copérnico, Galilei, Newton e Descartes e que distinguiria a Europa do resto do mundo. Ao contrário: os autores apontam que uma interpretação mais abrangente dos saberes

produzidos na Primeira Modernidade abre a possibilidade de considerarmos não apenas as redes globais de circulação de informação, como também a diversidade de “modos de conhecer”, nos quais o saber tradicionalmente tido como científico é pensado junto a outras formas de produzir conhecimento. Com isso, “no lugar de uma Modernidade epistêmica europeia que se impõe sobre as ‘modernidades alternativas’ e as elimina, ganhamos outra – que jamais foi só da Europa” (p. 468).

O esforço de provincializar a Modernidade europeia também se verifica em capítulos que apresentam debates voltados a outros recortes, que começaram a receber maior atenção de historiadores brasileiros apenas mais recentemente, como é o caso dos capítulos sobre o mundo islâmico e o Leste Asiático. Otávio Luiz Vieira Pinto e Thiago Henrique Mota dedicam seu capítulo “Modernidade islâmica” a explicar o papel do Islã na construção do mundo moderno, destacando a expansão dessa religião nas sociedades da África subsaariana a partir do século XIV e citando a multiplicação das escolas corânicas pelo continente. Com relação à Ásia, os autores argumentam que a Modernidade islâmica foi construída com práticas políticas centralizadas próprias do chamado Persianato que se desenvolveram nos impérios otomano, safávida e mogol e que se estenderam até o século XIX. Desse modo, o capítulo demonstra que uma interpretação global da Época Moderna passa pelo questionamento das balizas cronológicas tradicionais e pela inclusão de variadas agências islâmicas, “fundamentais para uma compreensão crítica da História Moderna” (p. 255).

Vale destacar que alguns capítulos do livro voltados a temáticas mais correntes na academia brasileira possuem um debate historiográfico mais minucioso, talvez supondo que o leitor já tenha algum conhecimento prévio do assunto abordado – o que significa que leitores com pouco repertório sobre tais tópicos podem encontrar alguma dificuldade na compreensão do texto. Nesses capítulos, há maior espaço para uma discussão sobre como pesquisadores de diferentes correntes interpretaram os processos históricos em questão, o que contribui para um melhor entendimento da historicidade dos estudos sobre a Primeira Modernidade. Já outros capítulos, por tratarem de tópicos menos frequentados no Brasil, dedicam maior espaço a um resumo dos eventos e personagens considerados relevantes dentro

do tema abordado, no esforço de vincular esses contextos à Modernidade sem recorrer à presença europeia. Aqui, a ideia das múltiplas modernidades, mencionada na introdução do livro, é mais bem trabalhada em certos capítulos do que em outros, que poderiam discutir com maior profundidade definições teóricas dessas modernidades alternativas para reforçar a proposta geral da coletânea. Ainda assim, os autores de *A Época Moderna* apresentam uma visão da Primeira Modernidade construída também por mulheres, africanos, indígenas, asiáticos e outros sujeitos conscientes dos mundos em que viviam e das conexões em que estavam inseridos, o que faz do manual uma referência atualizada para pesquisadores da área e que pode ser útil para o ensino de História Moderna em cursos de graduação e potencialmente na educação básica.

O esforço do livro de mapear a produção historiográfica brasileira sobre a Época Moderna se traduz em uma interpretação do caráter global desse período a partir do Brasil, considerando as contribuições de historiadores brasileiros a um campo do conhecimento histórico que, ao tentar lidar com um legado eurocêntrico, têm buscado por caminhos teóricos alternativos. Frente à possibilidade de o afastamento de noções tradicionais de Modernidade tornarem o conceito ultrapassado demais para ser utilizado, a perspectiva global e policêntrica propõe uma redefinição do termo que inclui outros espaços, agentes e enfoques, para além da “ascensão do Ocidente” (Strathern, 2018, pp. 326-327). Esse movimento de reformulação e uso crítico da Modernidade como ferramenta de análise, expresso em *A Época Moderna*, indica que hoje talvez tenhamos o privilégio da consciência de que as histórias que almejamos escrever dependem, goste ou não, dos instrumentos teóricos derivados da própria Modernidade que pretendemos colocar em questão.

Referência

STRATHERN, Alan. Global Early Modernity and the problem of what came before. *Past & Present*, v. 238, Issue 13, pp. 317-344, 2018.